



EDITORIAL

ILCH VAI A BANHOS, MAS DEIXA A CASA ARRUMADA

O ILCH termina, com sucesso e alívio, um dos anos letivos mais árduos da sua história. A COVID não nos travou, nem tão-pouco irá fazê-lo a incerteza que, para todos, envolve o próximo ano. Embora a evolução da pandemia seja uma incógnita generalizada, a Presidência do ILCH elaborou já, manualmente, os horários de todas as suas oito licenciaturas, segundo o formato de *blended*

learning que vigorará para toda a UMinho. Com esforços acrobáticos, conseguimos distribuir cerca de 200 UC por 10 salas de Gualtar (a par das dos Congregados e Couros), mantendo as distâncias físicas de segurança para professores e alunos, e prevendo também a componente à distância. É tempo, agora, de descansar e olhar para 2020-2021 com confiança. Boas férias! /IE

ESCOLA DE VERÃO

OPEN BORDERS, CLOSED BORDERS

As fronteiras e a imigração foram o tema da XI Escola de Verão do Centro de Ética, Política e Sociedade, que decorreu, em simultaneamente em formato presencial e remoto, de 6 a 9 de julho. Sob o mote *Open Borders, Closed Borders: Europe, Toleration and Immigration*, o evento foi organizado pelos Profs. J. A. Colen e Alexandra Abranches, do CEPS, e Thomas Whitaker (Harvard U.) e Steven Waldorf (Cambridge U.), contando com mais de duas dezenas de participantes. Foram oradores plenários os Professores Acílio Rocha (UM/Academia das Ciências), Agnieszka Maria Nogal (Univ. de Varsóvia) e Michael Zuckert (Univ. Notre Dame). Na imagem, alguns dos participantes, vindos de 10 países, com o Prof. Colen, sem máscara para a foto.



CONSÓRCIO

PLE: CURSO INTERUNIVERSITÁRIO DE VERÃO NO BABELIUM

A Universidade do Minho, através do Babelium /Centro de Línguas do ILCH, integrou um consórcio constituído por cinco universidades (FCSH-UNL /FL-UC /FL-UP /UM /UA) e pelo Instituto da Cooperação e da Língua CAMÕES, com vista à organização de um curso intensivo de verão de cultura e língua portuguesa (PLE), com vertentes síncrona e assíncrona, certificado e reconhecido pelo conjunto das instituições.

OPINIÃO

FÉRIAS EM TEMPO DE PANDEMIA

Por: Mário Matos (DEGE)

À época das férias associa-se a viagem como forma de fuga à rotina. É desta vontade de se quebrar o ritmo repetitivo do quotidiano que se alimenta o turismo, o qual, o mais tardar desde meados do século passado, se transformou numa das mais poderosas indústrias a nível mundial. Se bem que a história do turismo moderno como ramo económico remonte já a meados do século XIX, altura em que nos países mais industrializados da Europa surgiram as primeiras agências de viagens a organizar e vender pacotes turísticos, facto é que apenas no pós-Segunda Guerra Mundial se poderá falar de um turismo de massas. Com a progressiva democratização do acesso à viagem de lazer, que paradoxalmente contou com um forte impulso dos regimes totalitários como o nazi-fascismo, que pretendiam controlar os tempos livres das massas sob a alçada do Estado em organizações criadas para o efeito – vejam-se a alemã “Kraft durch Freude” (Força pela Alegria) ou a congénere portuguesa “Fundação Nacional para a Alegria no Trabalho” (FNAT) fundada em 1935 com inspiração direta no modelo do Terceiro Reich – o hábito de se passar férias fora de casa, em sítios mais ou menos longínquos, transformar-se-ia numa prática sociocultural massiva, primeiro nas sociedades ocidentais mais endinheiradas da Europa, e depois, com a globalização económica, também noutras regiões do mundo, como se viu, já no século XXI, com o incremento do turismo asiático.

Esta evolução explosiva do turismo a nível global apresenta-se como um fenómeno bicéfalo. Se, por um lado, traz riqueza, não só às sociedades mais

poderosas que continuam a deter os impérios empresariais, mas também às regiões economicamente mais carenciadas cujos orçamentos as receitas do turismo passaram a equilibrar, as viagens em massa não só tendem a uniformizar as culturas locais apagando as suas idiossincrasias como também deixam uma gigantesca pegada ecológica.

É inquestionável que a atual pandemia e suas implicações imediatas para a mobilidade transfronteiriça vieram dar maior visibilidade às ambivalências que sustentam o turismo. Se antes da covid-19 já se ouvia, inclusive em Portugal, queixas legítimas relativas a um “over tourism” que, para além da poluição, está a gerar uma acentuada gentrificação nos grandes centros urbanos e a contribuir para um aumento das assimetrias socioeconómicas dos habitantes locais, a paragem abrupta da mesma hiper mobilidade veio demonstrar que limitar as viagens, tanto turísticas, como de negócios ou migratórias, acarreta um fortíssimo ónus económico. Como a história nos tem mostrado, proibir a viagem internacional e isolar uma sociedade pela construção de muros jamais resultou no passado. O mesmo se verificará porventura com a chamada auto-regulação do mercado turístico, que irá decerto fazer disparar os preços das viagens, uma vez que as massas não aceitarão abdicar de uma espécie de direito adquirido ao longo dos dois últimos séculos. Esta crise sanitária terá de fazer despertar as consciências para a complexa problemática do turismo como um fenómeno multifacetado. Mas por agora, parece que temos mesmo de nos contentar em viajar *intra murus*. E por que não na poltrona, com um bom livro de viagens?



ALUNOS DO ILCH RECOMENDAM FORMAÇÃO DE SEGUNDO CICLO

Sara Viana, do 2º ano do **MESTRADO EM TRADUÇÃO E CO-MUNICACÃO MULTILINGUE**, defende que “tudo no curso é feito com rigor e é perfeitamente adaptável às necessidades dos alunos”. Os docentes são “excelentes e totalmente qualificados, mostrando-se preocupados e disponíveis para abordar áreas que nos interessam e subdomínios que achamos importante explorar”. O curso, diz, desenvolve muitas competências diferentes, incluindo as transversais, como a capacidade de liderança, o espírito de equipa e a resolução de problemas.



[VÍDEO](#)

Eduardo Mesquita, do **MESTRADO EM ESTUDOS INTERCULTURAIS PORTUGUESES-CHINÊS**, considera fundamental, no 1º ano, a estadia numa das melhores universidades chinesas: “Para além do enriquecimento educativo, tive oportunidade de conhecer pessoas de todo o mundo e de experienciar culturas diferentes; saí do primeiro ano do Mestrado uma pessoa diferente e mais completa.” Aconselha: “Se tiverem interesse na língua, no país e na cultura da China, não percam esta oportunidade”. E remata: “Há várias bolsas para ajudar!”



[VÍDEO](#)

Cláudia Wagner, do **MESTRADO EM ESTUDOS LUSO-ALEMÃES**, diz que o curso foi “uma experiência fantástica” que lhe mudou a vida. Como já trabalhava na área académica, sempre quis fazer o mestrado. Ter a oportunidade de viver uma experiência internacional foi “algo indescritível”. O MELA proporcionou-lhe uma inesquecível experiência de vida, conhecendo pessoas que a marcaram para sempre. Por outro lado, o enriquecimento profissional que lhe trouxe “continua a fazer a diferença”.



[VÍDEO](#)

Joana Aguiar, antiga aluna do **MESTRADO EM CIÊNCIAS DA LINGUAGEM**, afirma ter sido essencial na sua vida académica ter frequentado o curso, dado que lhe permitiu criar “bases muito sólidas” para o doutoramento e a investigação em Linguística. No seu entender, o Mestrado está muito bem organizado em termos do plano curricular, tendo uma ótima estrutura e um corpo docente com muita experiência em investigação, tanto a nível nacional como internacional.



[VÍDEO](#)

Taynã Santos, do **MESTRADO EM LITERATURAS DE LÍNGUA PORTUGUESA**, diz que frequentar o curso foi uma grande mudança, tanto pessoal como profissional, já que trabalhava no universo da comunicação, embora sempre se tenha interessado pela literatura. A escolha deste curso na UMinho deveu-se ao seu reconhecimento. Frequentá-lo permitiu-lhe reforçar o seu gosto pela literatura e deu-lhe a conhecer o universo da pesquisa académica, algo que passou a pretender seguir. Os diversos tópicos do curso serviram-lhe como “índice” para fazer escolhas, de entre muitos autores e temas. E a paixão dos professores incentivou-o sempre a alargar horizontes.



[VÍDEO](#)

Nancy Gonçalves diz ter escolhido o **MESTRADO EM HUMANIDADES DIGITAIS** por ser uma área inovadora e futurista, mas também por ser um curso prático, interdisciplinar e muito útil no mundo exterior. Ao ligar as Humanidades à Informática e às tecnologias, permite fazer face a um mundo em constante mudança. Os trabalhos no primeiro ano são feitos recorrendo a variadíssimas ferramentas e técnicas, entre as quais as de processamento da linguagem natural. Considera que este mestrado ajuda a criar competências criativas, tendo docentes que estão sempre disponíveis para ajudar.



[VÍDEO](#)

Bernardino Calossa, do **MESTRADO EM PORTUGUÊS LÍNGUA NÃO MATERNA**, diz que encontrou no ILCH docentes cientificamente muito bem preparados, bibliotecas bem equipadas e uma atividade académica muito intensa, o que lhe proporcionou, a ele e aos colegas, uma “experiência fantástica” e uma “relação intercultural muito grande”. Além disso, acrescenta, “os melhores alunos são agraciados com um prémio de mérito, como eu fui, o que sem dúvida é um fator motivador”. E conclui: quem pretenda consolidar a investigação e o ensino do Português encontrará no ILCH uma equipa disposta a receber-vos.



[VÍDEO](#)

Paula Lodeiros, do **MESTRADO EM ESPANHOL LÍNGUA SEGUNDA E LÍNGUA ESTRANGEIRA**, recomenda o curso, “já que foi muito importante para mim, tanto a nível académico, como profissional.” A antiga aluna resume a sua situação no mercado de trabalho: “Atualmente trabalho em Bratislava e Madrid como Professora de Língua, Literatura e Cultura Espanhola”, ensinando também “gramática e diferentes competências linguísticas a alunos espanhóis”. Como mais-valias do Mestrado, realça os professores muito receptivos e atentos e o facto de ser lecionado em b-learning.



[VÍDEO](#)

VIDAS NO ILCH

Adelina Gomes é bibliotecária no ILCH e uma das suas mais antigas funcionárias, tendo-se juntado a nós em 1996.

Patrícia Cavaco conversou com ela, na Biblioteca Vítor Aguiar e Silva (BVAS):

1. Como começou o seu percurso profissional na Universidade do Minho? Um dia, no ano de 1996, ao ler o jornal, vi um anúncio para um curso de bibliotecas e arquivos que iria decorrer na UM e pensei: gosto de livros, porque não? Inscrevi-me e, ao longo de todo o curso, acompanhou-me a ideia de que era aquilo que eu gostaria de fazer. Terminado o curso voltei às rotinas da vida. Cerca de ano e meio depois, recebi um telefonema do saudoso Dr. Armindo Cardoso, diretor da BGUM e meu antigo professor, que me questionava se estaria interessada em trabalhar na biblioteca do então Centro de Estudos Portugueses. Disse imediatamente que sim. Posteriormente, seguiu-se uma entrevista (que decorreu num salão enorme no Largo do Paço e que me fez estremecer) com o Prof. Aguiar e Silva, Vice-Reitor e Diretor da referida biblioteca. Comecei na semana seguinte e por cá continuo.

2. Quais os aspetos que mais lhe agradam nas suas funções? E quais os mais negativos? São muitos os aspetos inerentes às minhas funções que me agradam, particularmente o facto de estar permanentemente rodeada de livros, mas também a interação com pessoas que me enriquecem como ser



humano. O contacto com os utentes, as solicitações de ajuda na procura de livros e de artigos é para mim muito enriquecedor. Também o é sentir que através do meu pequeno contributo ajudei alguém no seu trabalho. Porém, há dias em que, mesmo tentando, sinto que não consegui ajudar e apodera-se de mim um sentimento de algum desalento e a sensação que não respondi à ajuda que me foi solicitada. Poderei considerar esse um aspeto, não direi negativo, mas menos bom do meu trabalho.

3. Como seria, para si, a biblioteca ideal? A biblioteca ideal será aquela em que cada utente, ao entrar, se sinta em porto seguro, num lugar de conforto, num lugar de liberdade onde pode folhear o livro que lhe apetecer, mesmo que não tenha nada a ver com o propósito que o trouxe à biblioteca. Deverá ser também um polo agregador não só de conhecimento, mas de partilha e troca de saberes, de atividade científica. Em suma, um lugar onde cada um se sinta bem-vindo e onde sinta que aquela é a sua biblioteca.

4. Qual a mensagem que gostaria de transmitir ao público da BVAS? Penso que cada um deve dar o seu contributo para preservar a nossa memória futura, para que o modelo de biblioteca que hoje conhecemos, com livros de papel e, mais importante, com pessoas, possa coexistir com outros modelos de bibliotecas que virão com o futuro. Afinal, vaguear pelo meio das estantes de uma qualquer biblioteca, seja ela grande ou pequena, é encontrar “uma espécie de paraíso”, como dizia Jorge Luís Borges.

5. Um livro que a tenha marcado. *As Aventuras de João Sem Medo*, de José Gomes Ferreira, cujo deslumbramento me levou a escrever nos cadernos do liceu: “É proibida a entrada a quem não andar espantado de existir”.